

o
i
g
o
r
t
i
c
o
r
e
v
i
s
t
a
a
l
ê
r
e

**VÍSCERAS DA VIOLÊNCIA
EM *DE GADOS E HOMENS* DE
ANA PAULA MAIA¹**

**VISCERES OF VIOLENCE IN
DE GADOS E HOMENS, BY
ANA PAULA MAIA**

**Rosiveth Aparecida do Espírito Santo Oliveira (SEDUC-
MT)²**

RESUMO: O romance *De gados e Homens*, de Ana Paula Maia, eclode na literatura brasileira contemporânea assentando-se em uma tradição do naturalismo. Em uma forma concisa, traz à tona um universo embrutecido, caracterizado por um ambiente imundo, personagens sujas e marginalizadas que perfilam numa realidade

1 Este artigo é resultado de parte da avaliação na disciplina “O Romance Contemporâneo”, ministrada pela professora Dr^a. Vera Maquêa no PPGEL/ UNEMAT, na primavera de 2020.

2 Mestre em Letras pelo PROFLetras da UNEMAT- Cáceres (2020). Professora da rede da Educação básica do estado de Mato Grosso. E-mail: rosiveth.oliveira@unemat.br

poluída, com cenas quase escatológicas, criando um espaço que se aproxima e se enquadra em definições do realismo literário. O fio condutor de nossa leitura seguirá os passos de Edgar Wilson, o protagonista da narrativa, que é personagem recorrente em vários romances da autora. Por meio dele faremos uma breve análise sobre a forma como a violência constrói o argumento no romance. Entre os estudos que respaldam nossa leitura estão os de Dalcastagnè (2012), Vicelli (2015), Shollhammer (2009), Chauí (1998).

PALAVRAS-CHAVE: Ana Paula Maia; Realismo; Naturalismo, Violência; *De gados e homens*

ABSTRACT: The novel *De gados e Homens*, by Ana Paula Maia, emerges in contemporary Brazilian literature based on a tradition of Naturalism. In a concise form, it brings up a brutalized universe, characterized by a filthy environment, dirty and marginalized characters that profile in a polluted reality, with almost eschatological scenes, creating a space that approximates and fits into definitions of literary realism. Our reading will follow in the footsteps of Edgar Wilson, the protagonist of the narrative, who is a recurrent character in several of the author's novels. Through it, we will make a brief analysis of how violence builds the argument in the novel. Among the studies that support our reading are those by Dalcastagnè (2012), Vicelli (2015), Shollhammer (2009), Chauí (1998).

KEYWORDS: Ana Paula Maia; Realism; Naturalism, Violence; *De gados e homens*

INTRODUÇÃO

Dentre as diversas formas em que se configura o romance brasileiro contemporâneo surge uma multiplicidade de temáticas e de referências sociais constituídas por grupos minoritários, cujas vozes, silenciadas, se potencializam e encontram representatividade na literatura, revelando tensões subjacentes no tecido social. De acordo com Dalcastagnè (2012, p.5) “quando diferentes grupos

sociais procuram se apropriar de seus recursos, a literatura brasileira é um território contestado.”

Dessa maneira, no campo literário, questiona-se a cultura hegemônica predominante, assim como se reivindica uma nova concepção estética e visibilidade política para esses grupos. Entretanto, a pluralidade suscitada na literatura contemporânea causa um certo desconforto nessas vozes “não autorizadas”. Segundo Dalcastagné

os estudos literários (e o próprio fazer literário) se preocupam com os problemas ligados ao acesso à voz e à representação dos múltiplos grupos sociais. Ou seja, eles se tornam mais conscientes das dificuldades associadas ao lugar da fala: quem fala e em nome de quem (DALCASTAGNÉ 2012, p.17).

Assim, mulheres, pretos, brancos, trabalhadores, moços, velhos, homossexuais, heterossexuais entre outros, encontram na literatura uma possibilidade de expressão de suas condições e realidades. Um espaço onde podem expressar o mundo de diferentes modos, narrar e atuar como protagonista de suas próprias histórias, reivindicando uma nova concepção estética, além da visibilidade política e social aos seus grupos. Corroboramos com Dalcastagné (2012, p.21) ao afirmar que “mesmo que outros possam ser sensíveis solidários a seus problemas, nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, enxergarão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente”. Grupos minoritários sentem-se contemplados e representados por vozes como as que emergem no romance *De gados e homens*, da escritora brasileira Ana Paula Maia.

Com uma proposta de compor painel de uma vida sub-humana nas periferias, “a ficção de Ana foge aos lugares instituídos e prontos cultural e literariamente à escritura de mulher, distanciando-se da atmosfera doce, meiga e delicada que, por vezes se convencionou atribuir à narrativa de autoria feminina” (PIETRANI, 2012, p. 118).

Os romances de Ana Paula Maia exploram com lucidez personagens marginalizadas que executam trabalhos que as

inferiorizam e que, sobretudo, expõem com uma linguagem dura suas mazelas e a violência social e psicológica às quais se submetem diariamente. Ao mesmo tempo agem sem culpa, sem escamotear seus objetivos escusos ou intenções, desprovidos de valores morais e éticos. Nesse sentido, podemos caracterizar a escrita de Maia como

uma escrita que age para “se vingar”, o que também pode ser entendido, recuperando-se o sentido etimológico da palavra “vingar”, como uma escrita que chega a, atinge ou alcança seu alvo com eficiência. O essencial é observar que essa escrita se guia por uma ambição de eficiência e pelo desejo de chegar a alcançar uma determinada realidade, em vez de se propor como uma mera pressa ou alvoroço temporal (SHOLLHAMMER 2009, p.11).

Esse compromisso difuso com o tempo é um elemento importante na produção romanesca de Maia que, certamente, a integra como uma escritora da literatura contemporânea. Sobre essa questão, Agamben, em seu livro *O que é o contemporâneo?* traduz a ideia de contemporâneo como “aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (2009, p. 62). Dito de outro modo, é mergulhar nas trevas do presente sem fixar os olhos apenas na escuridão e tampouco sucumbir-se à cegueira pelo excesso de luz; é sustentar uma singular relação com seu próprio tempo. É nesse contexto de produção que a temática da violência ganha relevância nas obras de Ana Paula Maia.

O romance *De gados e homens* é construído com bases ligadas aos problemas sociais, mazelas humanas, limites da humanização e animalização imbricados à acentuada exploração da brutalidade e ao capitalismo visceral, e alimentados pela vontade do indivíduo em detrimento do coletivo. Apresenta questões que provocam o leitor a refletir sobre a relação híbrida entre o homem e animal presente em boa parte dos textos da escritora em que a recorrência a animais assume uma dupla função: “bestializar o homem e humanizar o animal”, destaca Belon e Ferreira (2012 p. 150).

As vísceras da violência e da miséria

Marilena Chauí em *Ética e Violência* apresenta alguns conceitos sobre violência que indicam as várias maneiras de exercer ou de se submeter a atos de violação ou transgressão contra si e contra o outro. A autora faz um paralelo sobre o conceito de violência e da ética que

trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos. Na medida em que a ética é inseparável da figura do sujeito racional, voluntário, livre e responsável, tratá-lo como se fosse desprovido de razão, vontade, liberdade e responsabilidade é tratá-lo não como humano e sim como coisa, fazendo-lhe violência [...] (CHAUÍ, 1998, p. 01).

Nesse sentido, evidencia-se que a prática da violência se configura como ato de desumanização, expondo sujeitos a situações de opressão e brutalidade. No entanto, no imaginário social, quando um ser humano é exposto a situações de brutalidade e marginalização, silenciado e/ou tratado como *coisa*, essas práticas não são concebidas como violência. Desconhecemos ou olvidamos que somos reflexos de uma violência estrutural, econômica, política e social que teve sua origem no processo de formação do Brasil. Desse modo,

[...] a violência é um elemento constitutivo da cultura brasileira, uma vez que a história do país, em sua totalidade, pode ser contada através de momentos de repressão e exploração, desde sua colonização, passando por períodos de autoritarismo, até a contemporaneidade, em que práticas de crueldade são abordadas de maneira velada, mas ainda assim existente (CASARIN, 2017, p. 81).

Diante disso, urge a necessidade de questionar e promover discussões sobre a temática da violência na contemporaneidade e refletir sobre textos que desnudam uma visão idealizada do ser

humano pacífico revelando a crueldade humana como uma forma de denúncia social sobre exploração e opressão. A importância da literatura como forma de humanização e provocação é inegável, pois seu papel expõe como a sociedade, nas formas de crueldade e segregação presentes de uma experiência de um passado autoritário, faz continuar ou interromper práticas de violência:

Não é apenas na temática que a dor e a brutalidade podem ser representadas, textos que expressam conflitos também os representam através de recursos formais, já que não se pode narrar uma situação traumática de forma linear, o que criaria a falsa sensação de harmonia social. (CASARIN, 2017, p. 86)

É em sentido afim que o romance *De gados e homens* pode ser lido. A narrativa se passa em um matadouro e tem como protagonista Edgar Wilson, personagem que vive num ambiente inóspito, cercado de animais, onde “ambos os confinamentos, de gado e de homens, estão lado a lado, e o cheiro, por vezes, os assemelham. Somente as vozes de um lado e os mugidos do outro é que distinguem homens e ruminantes” (MAIA, 2013, p. 51).

A possibilidade de problematizar e discutir a temática da violência é rica e variada na leitura do romance de Ana Paula Maia, em que se sobressai a perspectiva do homem que vive à margem, sem poder consumir o que produz e que de certa forma, denuncia, na figura do protagonista, as vísceras da violência e a desigualdade em que sobrevivem muitos homens e mulheres olvidados pelo sistema.

Construído a partir de um sujeito marginalizado que estabelece uma relação íntima com o animal, a natureza e a morte, a tarefa de Edgar Wilson é atordoar os animais que vão para o abate. Fiel à sua profissão de abatedor, o protagonista executa sua tarefa com maestria, acrescido ao hábito piedoso de encomendar a alma dos animais a Deus. Para o protagonista, a morte animal deve ser trabalhada de modo que não haja sofrimento, ou seja, de maneira precisa e certa, por isso, Edgar Wilson justifica e reivindica ser o mais preparado no matadouro para exercer tal profissão. Vive seus

dias na linha tênue do discernimento e da ausência, afinal, conviver com a morte afeta o homem e o coloca insensível às questões sociais e humanas.

A narrativa inicia com o protagonista se deslocando até a indústria de hambúrguer para cobrar uma dívida. A mando de seu patrão, Seu Milo, Edgar Wilson deixa momentaneamente seu posto de atordoador e se vê obrigado a deixar no seu lugar Zeca, um rapaz de 18 anos, maldoso e que sente prazer em matar: “[...] ele deixa o bicho acordado ainda. O boi sofre muito, Seu Milo. O Zeca não tem uma pegada boa não” (MAIA, 2013, p.16). Fica claro, nesse fragmento, o julgamento de Edgar Wilson ao argumentar com Seu Milo o incômodo de deixar Zeca ocupar o seu lugar, mesmo que momentaneamente. Mesmo diante de tal apelo, Seu Milo mantém a propositura inicial de deixar Zeca executar o trabalho no matadouro.

No entanto, antes de cumprir a missão que o seu patrão o havia incumbido, Edgar Wilson observa a maneira como Zeca abate uma vaca, fazendo-a sofrer. Tomado pelo ímpeto da raiva e após ter cumprido sua tarefa, o protagonista comete seu primeiro assassinato, justificado pela vingança ao sofrimento dos animais:

Edgar Wilson entra no banheiro do alojamento. Espera que reste apenas o Zeca no banho. Com a marreta, sua ferramenta de trabalho, acerta precisamente a fronte do rapaz, que cai no chão em espasmos violentos e geme baixinho. Edgar Wilson faz o sinal da cruz antes de suspender o corpo morto de Zeca e o enrolar num cobertor. Nenhuma gota de sangue foi derramada. Seu trabalho é limpo. No fundo do rio, com restos de sangue e vísceras de gado, é onde deixa o corpo de Zeca, que, com o fluxo das águas, assim como o rio, também seguirá para o mar. Cumprido seu dever, ele vai para a cozinha do alojamento e frita os hambúrgueres. Com os colegas comem toda a caixa, admirados. Assim, redondo e temperado, nem parece ter sido um boi. Não se pode vislumbrar o horror desmedido que há por trás de algo tão saboroso e delicado (MAIA, 2013, p .51 - 56).

A frieza e a crueldade de Edgar Wilson são reveladas nessa passagem da narrativa. Depois de matar seu colega de trabalho, jogar o corpo no fundo do rio, juntamente com os restos dos animais abatidos, vai para a cozinha fritar hambúrguer. Paradoxalmente, a personagem revela profundo respeito aos animais que abatia, ao mesmo tempo que demonstra indiferença ao assassinar um ser humano. Tais elementos são postos na narrativa de maneira inquietante, pois explora a humanização do animal e mostra a face brutal e desumana do homem, conforme aduz Casarin:

É perceptível, então, que, num cenário fúnebre como seu local de trabalho, o protagonista convive com a morte, fato que pode relacionar-se com a falta de sentimentos com que o fim da vida humana é explorado em toda a narrativa. Porém, um aspecto é crucial para o personagem: a diferença entre matar um humano e um animal (CASARIN, 2017, p.86).

Desvela-se, nessa narrativa, a reflexão acerca de uma sociedade ladeada pela violência, em que gados e homens ocupam a mesma condição em posições intercambiáveis. Nesse universo, masculino e embrutecido, Edgar Wilson é afetado pelo seu trabalho como atordoador, talvez porque ele se reconheça no próprio animal ou porque é pelo olho do animal que se inscreve toda a sua vida e, por esse motivo, não quer que o animal sofra, conforme demonstra o fragmento a seguir:

O boi caminha até bem perto dele. Edgar olha nos olhos do animal e acaricia a sua fronte. O boi bate uma das patas, abana o rabo e bufa. Edgar cicia e o animal abranda seus movimentos. Há algo nesse cicio que deixa o gado sonolento, intimamente ligado a Edgar Wilson, e dessa forma estabelecem confiança mútua. Com o polegar lambuzado de cal, faz o sinal da cruz entre os olhos do ruminante e se afasta dois passos para trás. É o seu ritual como atordoador (MAIA, 2013, p.19-20).

Esse trecho mostra uma das rasuras mais fortes na ética do animal que se divide entre o humano e os outros animais. O olhar sobre esse romance suscita algumas reflexões acerca dessas posições intercambiáveis entre o humano e o animal, visto que gados e homens ocupam a mesma condição, inclusive na relação da vida/morte.

Nessa perspectiva o que distingue o homem do animal não é somente a linguagem ou o trabalho, mas antes, a incompletude, o devir, a transformação. Enquanto o animal é essencialmente aturdido e completamente absorvido na sua cegueira, no seu estado de torpor. Entretanto, é pelos olhos do animal que a imagem de Edgar Wilson é refletida, numa quase simbiose entre o humano e o animal:

Nos olhos do ruminante, ainda que constantemente insondáveis, dissiparam-se toda névoa e toda escuridão. Era a imagem dele que estava diante de si, refletida nos olhos da vaca, pouco antes de morrer. [...] Diariamente é a si que enxerga quando mata, pois aprendeu a ver sob a neblina que encobre os olhos do animal (MAIA, 2013, p.188).

O sentimento de piedade que Edgar Wilson nutre se estende apenas aos bovinos, tanto que o assassinato de Zeca funciona como uma sensação de justiça aos animais. A morte de Zeca causa um clímax a partir dessa tensão no romance, porém, o fato de que poucas pessoas sentem sua ausência faz com que o crime não seja considerado um mistério.

- E então onde ele está? - No rio. O patrão repousa sobre um silêncio desconfiado. Baixa a cabeça levemente e permanece olhando para as mãos entrelaçadas sobre a mesa. - No Rio das Moscas? - É, sim, senhor. - E como ele foi parar lá, Edgar Wilson? - pergunta Seu Milo com um olhar inquisidor, após levantar a cabeça e secar o rosto com uma toalhinha. - Eu mesmo botei ele lá. Abati e depois joguei ele no rio. - Por que você fez isso, Edgar? - Ele maltratava o gado. Não prestava de jeito nenhum. - Isso é crime, Edgar. Você matou um homem. - Não, seu Milo.

Já matei mais de um. Só quem não prestava (MAIA, 2013, p. 108).

Dessa maneira,

Ocorre crime em “De gados e homens”, mas não há detetives e nem investigação, tangenciando, assim, a dura e crua realidade brasileira, a da polícia despreparada e dos inúmeros casos insolúveis anos após anos, ainda somos uma terra sem lei. Qualquer semelhança com os filmes de faroeste não é mera coincidência (VICELLI, 2015, p.7).

Assim, Edgar Wilson ocupa o lugar de um justiceiro, um herói, disposto a enfrentar a maldade e a injustiça do mundo, livrando os animais, a serem abatidos, de pessoas cruéis que maltratam inocentes, indefesos, ora representados pela personagem Zeca. É importante olhar para essa obra como uma provocação em torno da dualidade entre o excesso - representados pelo número de gado abatido cotidianamente para abastecer inúmeras fábricas de hambúrgueres, assim como o excesso número de pessoas que se amontoam nas lanchonetes e shoppings centers para consumirem as marcas mais famosas e caras desse tipo de produto e que, não raro, é inacessível à mesa daqueles que o produzem. E pela falta - representada pelos sujeitos que subjazem nos arredores do matadouro, cuja esperança reside no fato de que algum gado confinado venha a morrer para satisfazer suas fomes: “São os miseráveis que moram nas redondezas e vivem de comer o gado morto nos transportes.” (MAIA, 2013, p.168).

O romance surge como a exposição de vísceras de uma sociedade capitalista, onde quem vê a carne na sua mesa não pensa no sofrimento animal ou quem reflete sobre o sofrimento animal, raramente se lembra da miséria do outro. Os sujeitos que circundam o matadouro ora “precisam disputar com uma matilha de cães famintos que rodeiam o matadouro sempre que o forno do crematório é aceso” (MAIA, 2013, p.172).; ora são comparados aos próprios animais “são atraídos pelo cheiro de animais mortos” (MAIA, 2013, p. 169) numa demonstração de pobreza, miséria, violência, onde a lei não consegue chegar.

A miséria exposta na obra está longe de refletir apenas a miséria relacionada à pobreza, que faz com que ignoremos a miséria cultural por onde se constitui todo um sistema engendrado na ignorância econômica, política e intelectual.

Nessa esteira, algumas personagens na obra de Ana Paula Maia são revelados, caracterizando o que o narrador chama de homens de gado e são constituídos pela rudeza da falta de informação e brutalizados pelas experiências malsucedidas na vida. São narrações das várias versões do cotidiano de uma sociedade marcada por sujeitos que tentam sobreviver, mesmo que para isso sejam submetidos a um trabalho desleal ou desumano. Aqueles, cujas atividades ninguém quer fazer, “o trabalho sujo dos outros” (MAIA, 2013) como exemplifica o excerto a seguir:

Helmuth, o desmembrador, que usa um motosserra para remover a cabeça e partir a carcaça ao meio. É bom em desmontar, seja o motor de um carro, um boi, uma onça ou uma casa, pois é capaz de demolir até paredes a golpes de martelo em poucas horas. Quando descobriu que era traído pela mulher e que o filho que criava era filho de seu irmão, não se embebedou, não tirou satisfações, não fez ameaças ou mesmo tentou matar para lavar a honra. Helmuth derrubou todas as paredes da casa, arrebentou com toda a louça do banheiro, a pia de mármore da cozinha, desmontou a televisão, o rádio e a geladeira. As camas e o jogo de sofá rosa-salmão ele incendiou no quintal, juntamente com o guarda-roupa desmontado.

A precisão técnica e a eficácia com que demonstra exercer a tarefa de desmontador de peças, de coisas, objetos e animais é chocante. As características das personagens e sua condição psicológica só são possíveis de ser conhecidas pelos relatos do narrador que, apesar de manter aparente distância na narrativa, acompanha com esmero as ações das personagens, com frieza e objetividade, deixando alguns rastros de mistérios na narrativa:

Seu Milo olha para ele com a estranha impressão que o persegue, a de que Edgar Wilson sabe mais do que diz. Que presente o centro magnético terrestre como fazem os ruminantes (MAIA, 2013, p.122).

Edgar Wilson é uma personagem complexa que, mesmo diante de situações insustentáveis, esdrúxulas, se mantém impassível, inabalável. Configura-se também por ações contraditórias, a ponto de assassinar homens a sangue frio ao mesmo tempo em que encomenda as almas dos bovinos. Sua mente é impenetrável.

Sabemos, através da lente do narrador sobre os desvios de comportamento das personagens que, ao analisar crenças e valores, lança suas críticas e juízos “indiretos e irônicos” (CASARIN, 2017, p. 87) nos momentos em que examina as histórias de vida e os pensamentos dos personagens:

Seu Milo costuma ir à missa com a família logo pela manhã, mesmo tendo bebido, jogado e se deitado com prostitutas na véspera. Mas considera-se um bom homem e jamais foi confrontado por suas atitudes. Acredita que a hóstia o limpa de toda impureza e o redime de toda imperfeição. Assim, ao comer a carne de Cristo e beber do seu sangue, ele se sente parte de Cristo. Porém, nunca pensou que ao comer a carne dos bois e beber do seu sangue também se torna parte do gado que diariamente ele abate. (236 – 237).

Dessa maneira, as personagens revelam sujeitos de caráter duvidoso, numa sociedade capitalista, com comportamentos peculiares e que denunciam, de certa forma, os aspectos morais da sociedade, que precisam ser repensados e questionados.

Não seria justo abordar o romance *De gados e homens* sem mencionar o fragmento de literatura fantástica no trecho em que os animais começam a ter um comportamento estranho e que parte do rebanho bovino desaparece do abatedouro. Ao investigar o desaparecimento do gado, Edgar Wilson descobre que estranhamente o gado havia se jogado no despenhadeiro. Por mais absurda que pudesse se configurar a situação, os bovinos cometeram

suicídio em massa. Para fugir do matadouro, os ruminantes se jogaram no precipício, mostrando, na narrativa, a exemplificação do comportamento humanizado das vacas, como acompanhamos na descrição que segue:

Os três homens decidem apenas observar o movimento tranquilo do gado e, quando todas saem do galpão, eles seguem à distância. A primeira vaca pula e logo depois a segunda. Bronco Gil tenta evitar, mas é impedido por Edgar Wilson e Helmuth, que decidem apenas assistir ao espetáculo de horror. E assim, uma seguida da outra, até que todas se lancem no abismo após emitir um longo mugido. (MAIA, 2013, p. 364).

Embora no romance essa seja a história verdadeira, o policial resolve ajustar os fatos narrados pelo Seu Milo sobre o suicídio das vacas, justificando que a história era muito absurda, um fato que beira ao elemento fantástico, verossimilhante a descrença:

- Elas se jogaram por conta própria? - pergunta o policial. - Foi isso mesmo. Elas simplesmente se jogaram - atesta Helmuth. (...) - Olha, dizer que as vacas pularam porque quiseram vai soar bem esquisito, não acham? É melhor colocar morte acidental seguida de roubo de cadáveres. (MAIA, 2013, p. 372-373).

A história do suicídio das vacas se torna incrível, assim como o desaparecimento delas permanece como uma aura de mistério no romance. São situações que causam estranhamento tanto para as personagens da narrativa como para o leitor, porém, são os detalhes no conto sobre esses episódios que surpreendem. Disso decorre uma multivalência significativa, em que a ambiguidade domina a cena. Sobre isso, Todorov comenta:

A ambiguidade se mantém até o fim da aventura: realidade ou sonho? verdade ou ilusão? Somos assim transportados ao âmago do fantástico. Num mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos, [...] produz-se um

acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar. Aquele que o percebe deve optar por uma das duas soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós (TODOROV, 1975, p. 30).

No romance de Ana Paula Maia, os animais são revestidos de características peculiares a comportamentos de ordem humana, assumindo um caráter destrutivo e autodestrutivo específico do ser humano. Inicialmente o comportamento dos ruminantes se resume na quebra das cercas, depois, a brutalidade é personificada no comportamento dos animais:

Bronco Gil atira para o alto na intenção de espantar o predador que estaria atacando a vaca. Com a visão de apenas um olho e devido à escuridão no pasto, não tem certeza do que vê. Edgar Wilson, com os olhos fincados no pasto, observando toda a movimentação, afirma não ter nenhum predador. A vaca torna-se mais agressiva e começa a empurrar com a cabeça uma das estacas, que se rompe e faz baixar a cerca o suficiente para poder pulá-la. Enfurecida, corre pela fazenda, até parar por uns instantes e bater com o casco da pata dianteira contra o chão de terra. Fareja por algo. Bronco Gil ainda teme que o predador esteja por perto, provavelmente uma onça ou um javali. Mas o gado que permanece no pasto está recolhido num canto, apenas mugindo. (MAIA, 2013, p.191).

No que tange aos policiais, para além da incredulidade da situação, o fragmento dessa história traz à tona outras questões que corroboram na posição do policial, tais como falta de recursos humanos, que não raro são peculiares às instituições públicas do país, e outras questões que não são especificadas, mas que estão presentes no romance.

Em *De gados e homens*, o crime é um fator que compõem

a realidade, no entanto, não é um fator dominante da narrativa, visto que o que desencadeia a brutalidade, a rudeza são os sujeitos sem acesso à cultura, educação, saneamento básico. Ou seja, são homens desprovidos de quaisquer resguardos por parte do Estado. São sujeitos periféricos, totalmente à margem de uma sociedade capitalista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência vociferada é escancarada em *De gados e homens* nos *joga* no submundo das fissuras humanas. O cheiro fétido, do matadouro às mesas da sociedade, assim como o alimento alterado quimicamente que satisfaz a fome e ao mesmo tempo envenena quem o consome, a desumanização do homem e sua relação ambígua com os ruminantes constitui o romance de Ana Paula Maia.

De gados e homens revela uma faceta egoísta e desigual do mundo animal que se transfere para o mundo social, em que a miséria e a morte caminham lado a lado. Em buscas de restos, os miseráveis são expostos aos mais variados tipos de violência que extenuam uma provocação orquestrada pela autora. A fome, no seu sentido literal, ronda o abatedouro representada por personagens coadjuvantes que desnudam a perversidade da vida.

O paradoxo reside no fato de que a miséria e a violência são provocadas por uma produção construída pelo excesso e pela falta. Enquanto uma camada da sociedade consome alimentos que são produzidos por aqueles que jamais o terão na sua mesa, outra camada são mortos vivos perambulando em busca de sobrevivência, sinalizando o retrato de uma triste história dos tempos atuais.

Somos todos, gado caminhando em direção ao matadouro; muitos de nós já estamos atordoados pelas injustiças e dissabores que nos abatem sistematicamente. Impelidos pela máquina de uma sociedade capitalista sustentamos o trabalho *sujo* direta ou indiretamente e estamos sempre a matar algo ou alguém; mas no fim das contas sentamo-nos em nossas mesas e nos deliciamos do sangue que derramamos.

Dessa maneira, o romance termina por afirmar uma visão realista, que se aproxima de uma estética naturalista pela forma como compõe e decompõe corpos e narrativas, gestos e ações das personagens, em que o que mais define a violência não é a presença exclusiva do crime, nem o derramamento de sangue, mas a combinação de elementos corruptivos, atrelados a um sistema responsável por criar e manter as injustiças, as diferenças e mazelas sociais que levam os sujeitos a degradação moral e social.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O Aberto: O Homem e o Animal**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2013.

AGAMBEM, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Trad. Vinícius Nikastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

BELON, Antônio Rodrigues; FERREIRA, Bianca Estevam Veloso. Entre os segredos das leituras e a escrita pública. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo**. Santa Maria, n. 20, jul.-dez. 2012. Disponível em: Acesso em: 18 jan.2021.

CASARIN, J. Violência, crueldade e desigualdade social na literatura brasileira contemporânea: **De gados e homens, de Ana Paula Maia, e O matador, de Patrícia Melo**. *Opiniões*, 2017, (11), 78-90. <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniae>.

CHAUÍ, Marilena. **Ética e violência**. Teoria e Debate, ed. 39, out. 1998. Disponível em teoriaedebate.org.br/index.php?q=materias/sociedade/etica-e-violencia&page=0,0>. Acesso em: 21 jan. 2021.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte / Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012.

MAIA, Ana Paula. **De gados e homens**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

PIETRANI, Anélia Montechiari. Fazer e dizer a literatura e a mulher. **Revista Graphos**, João Pessoa, v. 14, n. 2, p. 124-135, 2012

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

VICELLI, Karina. **Sangue e hambúrgueres** – o novo realismo e o romance policial na obra de gados e homens, de Ana Paula Maia. 2015.